

Ireneu de Lyon

Rui Pedro Vasconcelos - 4º ano
Março 2009

Teologia Patrística

*«A História é o lento acostumar-se do Espírito a morar na Carne
e dos homens a captar e elevar-se a Deus»
(Adv. Haer. III,17,1;V,8,1)¹*

*«Porque a Glória de Deus é o Homem vivente,
e a vida do Homem é a visão de Deus»
(Adv. Haer.IV,20,7)*

Introdução.....	1
A. Contextualização	
1. Vida de S. Ireneu de Lyon.....	2
2. Contexto do século II d. C.: Igreja e Império Romano.....	2
3. O Gnosticismo.....	3
4. Os Escritos A Economia da Salvação.....	4
B. A Teologia de Ireneu	
1. A Economia da Salvação.....	5
2. A Encarnação.....	8
3. A Recapitulação.....	9
4. A Igreja e Tradição.....	11
Conclusão.....	12
Bibliografia.....	13

O presente trabalho dedica-se ao estudo da figura de S. Ireneu de Lyon no contexto do curso de Teologia Patrística. O interesse por este Padre do séc. II d.C. nasceu da leitura de diversas obras de teologia que, nas diversas áreas, dedicavam um capítulo ou uma passagem ao estudo deste autor. O objectivo deste trabalho é uma apresentação de Ireneu no seu contexto e na sua teologia presente nos escritos que nos chegaram, teologia que, segundo alguns autores, constitui a primeira sistematização da fé cristã. Não pretendemos um estudo exaustivo e detalhado, e reconhecemos a falta de preparação para elaborar um estudo numa área que exige conhecimentos históricos, teológicos e linguísticos tão detalhados como é a Patrística.

Após uma primeira parte na qual apresentamos o contexto no qual Ireneu viveu, entre a vida da Igreja e do Império e as disputas com o gnosticismo, percorremos um pouco da sua teologia a partir das suas obras. Optámos por apresentar os textos de Ireneu

1JOSÉ I. GONZÁLEZ FAUS, *La Humanidad Nueva – Ensayo de Cristologia*, Sal Terrae 9ª edição Santander 2000 p.378

directamente das traduções utilizadas, a conselho do docente, para assegurar uma maior fiabilidade na tradução.

A. CONTEXTUALIZAÇÃO

1. Vida de S. Ireneu de Lyon

Não possuímos muitas informações deste que é considerado o maior teólogo cristão do século II d. C. As únicas fontes de que dispomos são as suas próprias obras com as informações que Ireneu fornece da sua vida, e a *História Eclesiástica* de Eusébio de Cesareia, no século IV. Originário da Ásia Menor, terá nascido no período entre 130 e 140 d.C. pois afirma, na Carta a Florino citada por Eusébio, que enquanto criança escutara a S. Policarpo bispo de Esmirna e discípulo directo do Apóstolo João.²

Encontrámo-lo em Lyon em 177 d.C., encarregado de levar a Roma ao Papa Eleuterio uma carta dos mártires gauleses e mediar a controvérsia montanista na Frigia. No regresso sucede ao bispo Photino, mártir, na diocese de Lyon. Não temos informações sobre a sua actuação como bispo, nem nos chegaram pregações suas³. De facto, a sua maior herança são os seus escritos.

Não possuímos informações sobre a morte de Ireneu. Neste ponto Eusébio mantém o silêncio. S. Jerónimo (séc. IV) e Gregório de Tours (séc. VI) afirmam o martírio de Ireneu. A ser verdade, podemos apontar para as datas de 202-203 d.C., tempo das perseguições do imperador Septímio Severo⁴.

2. Contexto do século II d. C.: Igreja e Império Romano

Em 96 d.C., com o imperador Marco Nerva, inicia a época dos imperadores Antoninos ou “adoptivos”, nomeados pelo antecessor em função não da dinastia mas dos méritos políticos e militares, e durará até 192 d.C. com a morte de Lucio Cómodo⁵. É um período de relativa paz, equilíbrio social e até de expansão do Império, com o militarismo comercial romano, até ao imperador Marco Aurélio quando se intensificam as incursões dos povos bárbaros nas fronteiras. Estóico convicto, Aurélio intenta uma filosofia de Estado que aponte para o conformismo político com a ocupação romana, de acordo com a ordem cósmica.

No que toca às relações entre o Estado e a Igreja, assiste-se a uma acalmia após o tempo das perseguições em Roma sob Nero. Trajano (98-117 d.C.) foi o responsável de uma posição oficial que chegou até nós: numa carta ao governador da Bitínia Plínio defende que os cristãos não deverão ser procurados nem deverão ser aceites

2RAMÓN TREVIJANO, *Patrologia*, BAC Madrid 1994, p. 78

3ALEXANDRE OLIVAR, *La Predicación Cristiana Antigua*, Herder Barcelona 1991, p.50

4RAMÓN TREVIJANO, *Patrologia*, p. 16

5FRANCO PIERINI, *La Edad Antigua – Curso de Historia de la Iglesia I*, San Pablo Madrid 96, pág. 63ss

denúncias anónimas: apenas quando fosse provada a sua fé é que deveriam ser castigados. As principais perseguições provinham, contudo, das populações pagãs sempre suspeitosas da nova corrente. Com Adriano e Antonino o clima permanece tranquilo para os cristãos, apesar de continuarem algumas perseguições como é o caso do bispo de Esmirna Policarpo (por volta de 155 d.C.)

Com o imperador Marco Aurélio (162-180 d.C.) temos um período de perseguições promovidas pelo imperador aos cristãos. É aqui que surge o pagão Celso, que dará origem à obra de Orígenes *Contra Celso*, e dos padres apologistas Táciano, Atenágoras, Malitón de Sardes, Justino, que se dirigem aos próprios imperadores na defesa do cristianismo. Com a chegada dos Severos ao poder em 192 assistimos a um período de relativa paz para a Igreja. É neste século que o cristianismo definitivamente se separa do judaísmo, já a partir das revoltas judaicas de 70 d.C., ainda mais sangrentas em 132 d.C.

No interior da Igreja temos um período de organização eclesial. Emerge um episcopado monárquico e uma hierarquia constituída por episcopos, presbíteros e diáconos. A entrada na comunidade processa-se através do Baptismo preparado por um catecumenato. Os cristãos ainda são uma minoria no Império, pelo que a sua vivência não se separa dos restantes membros da sociedade (Carta a Diogneto). No seio nas comunidades assistimos a uma grande solidariedade caritativa entre os irmãos. Temos o testemunho dos mártires das Igrejas, na maioria das vezes os seus ministros. A Igreja de Roma adquire já uma influência de liderança, como vemos nas cartas de Inácio de Antioquia.

Neste período temos o surgimento de grandes correntes heréticas no seio da Igreja. Temos as chamadas heresias “judaizantes”, grupos de cristãos que, permanecendo na fé no messianismo de Jesus, rejeitam a comunhão eclesial no que toca à divindade de Cristo (Ebionitas). O Montanismo (Montano, 170 d.C.) é uma corrente de forte ascetismo que recusa o matrimónio e a reconciliação: no final da sua vida, Tertuliano foi montanista. Por fim, temos o gnosticismo que desenvolvemos no próximo ponto.

3. O Gnosticismo

Vem do termo grego “Gnose” que significa “conhecimento”: «É um dos movimentos ideológicos, religiosos e filosóficos que ao longo da história procuraram dar respostas às perguntas básicas que continuamente se faz o homem sobre a própria identidade e situação, origem e destino»⁶. Como movimento, procura a Salvação ou superação desses limites e interrogações através de um conhecimento superior, reservado a uma elite. Pode ser representado «pelo mito da queda de uma entidade celeste no mundo da matéria. O nosso mundo fica assim impregnado de partículas divinas. Parcelas dessas Alma do mundo que deve libertar-se recolhendo-se sobre si mesma, ressuscitando da ignorância, para retornar a uma Unidade primordial».⁷

6RAMÓN TREVILJANO, *Patrologia*, BAC Madrid 1994, p. 68

7Ibídem

É uma ideologia essencialmente dualista e negativa quanto à realidade história e material: esta provém de um princípio divino negativo, e está moralmente corrompida. O conhecimento da Salvação está reservado a uma elite. A Criação acontece por emanções de Deus. Esta corrente filosófica provém do Oriente, ainda anterior ao cristianismo. A bíblia judaica exerce influência na doutrina gnóstica.

O chamado Gnosticismo divide-se em várias correntes e movimentos, alguns provindos do judaísmo e outros especificamente cristãos. O conhecimento desta heresia provém das informações fornecidas pelos autores cristãos que a combateram (entre os quais se destaca Ireneu) e pelas descobertas dos manuscritos em Nag Hammadi em 1945. Um dos maiores representantes foi Valentino, originário de Alexandria, que actuou em Roma entre 136-165 d.C.

Outro representante importante foi Marcião, originário do Ponto, que viveu em Roma por volta do ano 140 d.C. «A doutrina de Marcião fundamenta-se numa Sagrada Escritura claramente delimitada, onde de antemão fica excluído o Antigo Testamento na íntegra, pois nele se fala do Deus da justiça, o Criador do Universo, o demiurgo que não sabe da bondade e amor. O Deus bom só se revelou quando enviou a Cristo como Redentor que trouxe à Humanidade atormentada o Evangelho ou Boa-Nova do Amor de Deus»⁸. O seu dualismo levava-o a ver quer a Encarnação, quer a Morte de Jesus como aparentes. Expulso de Roma pelos cristãos, fundou uma corrente na qual vingou um forte ascetismo. Por fim temos a corrente do Maniqueísmo, já no século III. Foi essencialmente contra esta heresia, muito presente no seio das comunidades cristãs, que Ireneu escreveu a sua principal obra *Adversus Haereses*.

4. Os Escritos

Eugenio R. Pose, na sua introdução à versão castelhana da Demonstração da Pregação Apostólica⁹ (p. 19ss) enumera as seguintes obras de Ireneu citadas por Eusébio:

- *Adversus Haereses*
- Demonstração da Pregação Apostólica (*Epideixis*)
- Cartas:
 - a Blasto, sobre o Cisma
 - a Florino, sobre a Monarquia ou que Deus não é o autor dos males
 - a Victor, bispo de Roma
- Sobre a Ogdoada
- Sobre a Ciência
- Dissertações Várias

Destas, apenas nos chegaram as duas primeiras obras e fragmentos das cartas a Florino e ao Papa Victor. A razão desta carta foi a chamada controvérsia sobre a data da Páscoa entre o Papa e os bispos do Oriente que mantinham a data de celebração o 14

⁸HUBERT JEDIN, Manual de Historia de la Iglesia, vol. I, Herder Barcelona 1966, p. 293

⁹IRENEU DE LYON, *Demonstración de la Predicación Apostólica*, introd. trad. e notas de Eugenio Romero Pose, Ciudad Nueva Madrid 1992

de Nisan: Ireneu mediou a polémica e contribuiu para a manutenção da paz entre as Igrejas.

A sua principal obra, *Adversus Haereses* ou a *Refutação e Destruição da falsa Gnose*, terá sido escrito até o ano de 180 d.C.¹⁰ Nos primeiros dois livros dedica-se à exposição e refutação das diversas correntes gnósticas, das quais a principal é a de Valentino; refuta-as através de um método lógico-racional, a partir das próprias inconsistências dos sistemas gnósticos. O livro III dedica-se então à exposição da fé cristã, a partir das Escrituras e da Tradição: Deus como o Único Criador, Cristo como o Filho de Deus, a Encarnação e Redenção; apresenta esta Unidade para responder aos diversos dualismos defendidos pelos gnósticos (um Demiurgo e o Deus do Antigo Testamento, realidade material e espiritual, etc.).

No livro IV apresenta a unidade do Antigo e do Novo Testamento assente em Cristo e na Revelação progressiva de Deus ao Homem, através do Espírito que actua pelos Profetas; temos a unidade da Economia de Deus junto da Humanidade, desde a Criação até ao Juízo. Por fim, no livro V temos a exposição da doutrina da Ressurreição da Carne, no seguimento de S. Paulo e a defesa da identidade entre o Deus Criador e o Pai de Jesus Cristo.¹¹

Quanto à obra *Epideixis* ou *Demonstração da Pregação Apostólica*, trata-se de uma síntese doutrinal, escrita a um tal de Marciano. A obra divide-se em duas partes: depois de um prólogo (nn.1-3) temos a chamada *Catequese Apostólica* na qual Ireneu percorre toda a história bíblica, desde a Criação, Queda e Aliança com Noé, Abraão e Moisés, até Jesus Cristo na sua Encarnação e Salvação (nn.4-41). A segunda parte é a *Demonstração Profética* na qual Ireneu apresenta a Jesus Cristo como o cumprimento de todas as profecias e a Igreja como realização dos textos messiânicos do Antigo Testamento (nn.42-97), para termos por fim uma conclusão (nn.98-100).¹²

B. A TEOLOGIA DE IRENEU

1. A Economia da Salvação

Ireneu é considerado o teólogo da História, ou o que ele chama a Economia. Por este termo refere o Projecto de Deus, as disposições e acções divinas na história humana, para conduzir a Humanidade à sua plena realização: a Salvação, a Comunhão com Deus. Ireneu está na continuidade da teologia de Paulo, sobretudo a dos hinos de Ef 1,3-14 e Col 1,15-20, nos quais canta o Projecto de Deus revelado em Cristo:

10A partir de HUBERTUS R. DROBNER, *Manual de Patrologia*, ed. Herder Barcelona 1999, p.136-140

11Para o presente estudo utilizamos a edição crítica francesa de Adelin Rousseau e Louis Doutreleau da colecção *Sources Chrétiennes*, ed. CERF Paris. As citações apresentadas são retiradas desta tradução.

12Quanto à *Epideixis*, utilizamos a edição crítica de Eugenio R. Pose, ed. Ciudad Nueva, Madrid 1992

«Manifestou-nos o mistério da sua vontade, e o plano generoso que tinha estabelecido, para conduzir os tempos à sua plenitude: submeter tudo a Cristo, reunindo nele o que há no céu e na terra» (Ef 1,9-10)

«Nos apologetas e nos alexandrinos refere-se, com matizes estóicos, à ordem na Criação e na Providência Divina. Ao mesmo tempo tem um sentido soteriológico, compreendendo todas as disposições divinas decididas na Eternidade e realizadas no tempo com vista à Salvação do Homem (...) Ireneu dá-lhe um sentido claramente histórico. Com vista à unidade dos dois testamentos, une-a com a sua famosa ideia de Recapitulação»¹³.

Este Projecto parte da própria Criação que acontece como uma vontade livre e gratuita do Deus-Criador. Perante os gnósticos, Ireneu rejeita a dualidade de um Demiurgo e de um deus superior e incognoscível, assim como a origem dual dos mundos espiritual e material. Para Ireneu há um só Deus, o Criador, que assegura a unidade de toda a realidade segundo um Projecto de Bondade e Salvação.

Esta bondade e gratuidade são asseguradas pela liberdade de Deus no seu criar, que não sofreu a pressão de nenhum princípio ou necessidade, pelo que a Criação é presidida por um Projecto. «Importa sobretudo a Ireneu marcar a diferença determinante: o facto que essa bondade do Criador, que é o motivo que determina a Criação, não opera simplesmente por uma necessidade da natureza, mas que deve ser compreendido como uma decisão livre de Deus de criar»¹⁴.

«Il a fait touts choses, non sous la motion d'un autre, mais de sa propre initiative et librement, étant le seul Dieu, le seul Seigneur, le seul Créateur, le seul Père, le seul qui contienne tout et donne l'être à tout» (*Adv. Haer.* II,1,1)

«Para Ireneu, é a ideia de um mundo criado bom pela bondade e sabedoria de Deus e constantemente animado por elas que se encontra no primeiro plano – um mundo que por uma razão é ordenado de forma harmoniosa no seu conjunto e maravilhosamente belo. É porque o Deus uno e único é ao mesmo tempo o Criador e o Salvador do mundo, que este mundo é fundamentalmente bom»¹⁵.

A unidade desta Criação e deste Projecto é assegurada e revelada em Jesus Cristo, o Verbo, Filho de Deus. Ele é a Palavra que preside a toda a Criação, a Palavra pela qual Deus cria com o seu poder no Génesis. Em Jesus, na sua Ressurreição, revela-se de modo pleno o Sentido de toda a Criação e do Cosmos: serem abraçados no Filho. Ireneu encontra-se no melhor espírito da teologia do Novo Testamento, especialmente como vimos nos dois hinos cristológicos de Paulo citados acima. Deste modo, Ireneu olha retrospectivamente, a partir de Cristo, para a criação do Homem e vê que o Homem verdadeiro, o verdadeiro Adam se revela em Cristo. A criação do Homem está presidida por um Sentido, e este Sentido é Cristo:

13B. STUDER, *Economia*, in *Diccionario Patristico y de la Antiguedad Cristiana*, dir. Angelo di Berardino, ed. Sigueme, Salamanca 1991, vol.I, p. 660

14MEDARD KEHL, *Et Dieu vit que cela était bon – Une théologie de la Création*, CERF Paris 2008, p.219

15*ibid*, p.214

«De esta tierra, pues, todavía virgen, Dios tomó barro y plasmó al hombre, principio del género humano. Para dar, pues, cumplimiento a este hombre, asumió el Señor la misma disposición suya de corporeidad, que nació de una Virgen por la Voluntad y por la Sabiduría de Dios, para manifestar también él la identidad de su corporeidad con la de Adán, y para que se cumpliese lo que en el principio se había escrito: el hombre a imagen y semejanza de Dios» (*Epideixis* 32)

A Antropologia de Ireneu, lida como Projecto, Economia de Deus, é dinâmica. O Homem é visto em emergência, em progresso e construção histórica; não fica criado no começo da Criação, mas tende para Cristo: «Um dos temas mais significativos do seu reportório é o da evolução, o do progresso. O homem, criado criança e imperfeito, alcançará o seu estado de maturidade e perfeição, que o conduz à divinização. Neste progresso a liberdade desempenha um grande papel. Se o homem faz mau uso dessa liberdade, fica-se pelo caminho sem alcançar o seu fim. A economia de Deus ao longo da história universal consiste não só em voltar ao começo, mas numa progressão que leva o homem a um resultado muito superior ao ponto de partida. Constitui isto uma inversão da perspectiva gnóstica. Pela Recapitulação, Cristo não só restabelece a obra comprometida por Adam senão que a completa pelo dom do Espírito Santo, que leva o homem até à divinização»¹⁶.

Do mesmo modo, o Antigo Testamento é lido por Ireneu à luz de Cristo e do Projecto Salvífico do Pai. Rejeita assim a heresia gnóstica, sobretudo de Marcião, que separa os dois testamentos e a revelação de YHWH do Antigo Testamento e do Pai de Jesus do Novo Testamento. O Antigo Testamento surge como preparação e prefiguração (tipologia) de Cristo, é Cristo quem está presente e se vai revelando nos grandes acontecimentos da História de Israel, como o Êxodo:

«Así salvó a los hijos de Israel, prefigurando de un modo misterioso la pasión de Cristo en la inmolación de un cordero inmaculado y en su sangre, derramada como garantía de inmunidad, para rociar las casas de los Hebreos. Este misterio recibe el nombre de Pasión, manantial de liberación» (*Epideixis* 25)

No Antigo Testamento, é o Espírito Santo quem vai actuando “pelos profetas” para preparar o acontecimento de Cristo. Ireneu vê a Salvação e o Projecto do Pai como Comunhão da Humanidade com Deus, e essa Comunhão de Vida, inaugurada em Cristo, acontece no Espírito Santo. O Antigo Testamento torna-se então o amadurecimento do Homem (que Ireneu vê no Génesis como uma criança imatura) até poder receber a Adopção Filial. Ireneu segue a visão de Paulo no que toca à lei: «Antes, porém, de chegar a fé, estávamos prisioneiros da Lei, estávamos fechados, até à fé que havia de revelar-se. Deste modo, a Lei tornou-se nosso pedagogo até Cristo, para que fôssemos justificados pela fé. Uma vez, porém, chegado o tempo da fé, já não estamos sob o domínio do pedagogo. É que todos vós sois filhos de Deus em Cristo Jesus, mediante a fé» (Gal 3,23-26). Esse amadurecimento é conduzido pelo Espírito Santo.

«Cet Esprit, en effet, il avait promis par les prophètes de le répandre dans les derniers temps sur ses serviteurs et ses servants afin qu'ils prophétisent (Act

16RAMÓN TREVIJANO, *Patrologia* p. 78

2,17-18). Et c'est pourquoi cet Esprit est descendu sur le Fils de Dieu devenu Fils de l'Homme : par là, avec lui, il s'accoutumait à habiter dans le genre humain, à reposer (Is 11,2; 1Pe 4,14) sur les hommes, à résider dans l'ouvrage modelé par Dieu ; il réalisait en eux la volonté du Père et les renouvelait en les faisant passer de leur vétusté à la nouveauté du Christ» (*Adv. Haer.* III,17,2)

Finalmente, em Cristo chegamos à Plenitude dos Tempos, ao Dom do Espírito Santo do Pai que gera a Adopção Filial, a Nova Aliança (Gal 4,4-6). Vemos como para Ireneu o Homem é um ser chamado por Deus a viver um Projecto de Comunhão Pessoal e Filial, e os responsáveis por essa Comunhão são o Filho e o Espírito, desde a Criação à Salvação:

«Ainsi donc, c'est bien l'Esprit qui est descend, à cause de l'économie que nous venons de dire; quant au Fils unique de Dieu, qui est aussi le Verbe du Père, lorsque est venue la Plénitude du Temps (Gal 4,4), il s'est incarné dans l'homme à cause de l'homme et il a accompli toute son économie humaine, étant, lui, Jésus-Christ notre Seigneur, un Seul et le même» (*Adv. Haer.* III,17,4)

Ireneu chama ao Filho e ao Espírito de “as duas mãos do Pai”: «S. Ireneu expressou poeticamente na imagem das duas mãos de Deus, a ideia de que a Igreja vem de duas missões, a do Verbo e a do Sopro. A aplica, de maneira especial, à formação do Homem à imagem de Deus (...) Essa formação do Homem representa tão somente o começo de uma Economia que realiza o Pai “segundo o seu beneplácito” pelo seu Verbo-Filho e pelo seu Espírito-Sabedoria»¹⁷

Ireneu não se preocupa com as especulações teológicas tão ao gosto dos gnósticos. A sua preocupação é apresentar o Projecto de Deus revelado nas Escrituras e transmitido na fidelidade da Tradição da Igreja, que vem desde os Apóstolos. A Verdade de Deus e do Homem revelam-se em Cristo e, mais que uma especulação ou definição, é um Projecto. Ireneu segue a linguagem bíblica para falar de Deus e do Homem: o testemunho histórico de uma Salvação: «A *Historia Salutis* persegue ao *Anthropos* desde a sua aparição no mundo, através de ambos os testamentos, até à sua maturidade como homem perfeito pela comunidade de espírito com Deus»¹⁸

«S. Ireneu é mais homem da Igreja e doutor que apologista. Sabe que o Espírito de Deus está sempre brotando do seu ser. Conhece, pois, a Trindade Imanente, mas desenvolve, de maneira especial, o seu papel na Economia: o Verbo e a Sabedoria (o Espírito) são como as duas mãos de Deus que colaboram na formação das criaturas. O Verbo, feito visível, revelou ao Pai. O Espírito é aquele “por quem profetizaram os profetas e os padres compreenderam no que concerne a Deus, os justos foram guiados no caminho da justiça; aquele que - no final dos tempos - foi derramado de uma forma nova... para renovar ao Homem por toda a terra para Deus” (*Epideixis.* 6)».¹⁹

17YVES CONGAR, *El Espíritu Santo*, ed. Herder Barcelona 1983, p. 212

18A. ORBE, *Ireneu de Lyon*, in *Diccionario Patristico y de la Antiguedad Cristiana* vol. I, p. 1098

19YVES CONGAR, *El Espíritu Santo*, p. 464

2. A Encarnação

Na sua luta contra os Gnósticos, Ireneu defende a absoluta verdade e realidade da Encarnação. O Filho, na sua Divindade, assumiu total e verdadeiramente a natureza humana, a “carne”, em comunhão, solidariedade e pertença com a Humanidade. A Salvação, para Ireneu, depende desta verdade: mais que na Paixão e nos sofrimentos (como acentuará depois a teologia medieval), é na Encarnação que está a possibilidade de Salvação do género humano.

«Il n’a ni rejeté ni dépassé l’humaine condition et n’a pas aboli en sa personne la loi du genre humain, mais il a sanctifié tous les âges para la ressemblance que nous avons avec lui. C’est, en effet, tous les hommes qu’il est venu sauver par lui-même – tous les hommes, dis-je, qui par lui renaissent en Dieu» (*Adv. Haer. II,22,4*).

Já encontramos nos escritos de João, no Novo Testamento, a necessidade de defender esta verdade, o que significaria já a existência de correntes gnósticas oriundas quer do judaísmo quer do helenismo: «Reconheceis que o espírito é de Deus por isto: todo o espírito que confessa Jesus Cristo que veio em carne mortal é de Deus; e todo o espírito que não faz esta confissão de fé acerca de Jesus não é de Deus» (1Jo 4,2-3; cf. 2Jo 1,7). Encontramos aqui um princípio que percorrerá toda a Patrística, e que encontrará o seu eco na expressão de Tertuliano: *Caro Cardo Salutis* – a Carne é o Coração da Salvação, podemos traduzir.

Na reflexão de Ireneu, só pela Encarnação a Salvação podia acontecer como comunhão entre Deus e o Homem: porque o Mediador da Salvação, o Filho, assumiu de modo pleno e solidário a natureza humana. Em Jesus acontece um mistério de Comunicação, de plena comunhão orgânica e relacional entre humanidade e divindade que assume a História humana e a diviniza no poder do Espírito:

«Il a donc rattaché et uni, comme nous l’avons déjà dit, l’homme à Dieu. Car si ce n’était pas un homme qui avait vaincu l’ennemi de l’homme, l’ennemi n’aurait pas été vaincu en toute justice. D’autre part, si ce n’était pas Dieu qui nous avait octroyé le salut, nous ne l’aurions pas reçu d’une façon stable. Et si l’homme n’avait pas été uni à Dieu, il n’aurait pu recevoir en participation l’incorruptibilité. Car il fallait que le « Médiateur de Dieu et des hommes » (1Tim 2,5), par sa parenté avec chacune des deux parties, les ramenât l’une et l’autre à l’amitié et à la concorde, en sorte que tout à la fois Dieu accueillît l’homme et que l’homme s’offrît à Dieu. Comment aurions-nous pu en effet avoir part à la filiation adoptive à l’égard de Dieu, si nous n’avions pas, par le Fils, reçu de Dieu la communion avec Dieu lui-même et si son Verbe n’était pas entré en communion avec nous en se faisant chair (Jo 1,14)?» (*Adv. Haer. III,18,7*)

«A vida de Jesus recapitula toda a história e é como “o compêndio da Salvação” (*Adv. Haer. III,18,1*). Tudo “o que há na terra reduz-se ao plano de Salvação do Homem. E isto o recapitulou o Senhor em si mesmo” (*Adv. Haer. V,20,2*). Com isso já se vê o que tem que ser a Encarnação para Ireneu, que não a concebe como uma acção momentânea, senão como todo o processo que vai desde a concepção de Jesus até à

sua Ressurreição. A Encarnação é definida em correspondência com a sua definição de Homem. Será a comunhão entre Deus e o Homem»²⁰.

Este mistério da Encarnação, que encontra a sua plena revelação na Páscoa, é o centro de toda a Economia da Salvação. Pertence ao Projecto Eterno de Deus, e tem como horizonte a assunção da Humanidade na Comunhão Divina, numa relação filial com o Pai que acontece em união com o Filho Encarnado na acção do Espírito Santo. É claro para Ireneu que a Encarnação ultrapassa o âmbito da reconciliação da Humanidade com Deus após o pecado de Adam: embora a inclua no Novo Adam, o Projecto da Encarnação é anterior à própria Criação como Projecto de Deus para o Homem, sonhado na filiação²¹:

«Lui, le Fils de Dieu devenu Fils de l'Homme afin que par Lui nous recevions l'adoption filiale, l'Homme portant e saissant e embrassant le Fils de Dieu» (*Adv. Haer.* III,16,3). «Un seul Dieu, Créateur du ciel et de la terre et de tout ce qu'ils renferment, e tau Christ Jésus, le Fils de Dieu, qui, à cause de son surabondant amour (cf. Ef 3,19) pour l'ouvrage par lui modelé, a consenti à être engendre de la Vierge pour unir lui-même par lui-même l'homme à Dieu» (*Adv. Haer.* III,4,2).

Sabemos como a heresia gnóstica e, mais tarde, monofisita sempre foram uma tentação na Igreja e continuam hoje a encontra-se de um modo inconsciente em muitos crentes. Apresentar a verdadeira humanidade de Jesus de Nazaré em todas as suas dimensões, como é perfeitamente subjacente nos Evangelhos, continua a parecer pouco natural. Nem sempre o princípio da Carta aos Hebreus é assumido: «Pois, tal como os filhos têm em comum a carne e o sangue, também Ele partilhou a condição deles, a fim de destruir, pela sua morte, aquele que tinha o poder da morte (...) Por isso, Ele teve de assemelhar-se em tudo aos seus irmãos, para se tornar um Sumo Sacerdote misericordioso e fiel em relação a Deus, a fim de expiar os pecados do povo. É precisamente porque Ele mesmo sofreu e foi posto à prova, que pode socorrer os que são postos à prova» (Heb 2,14.17).

Do mesmo modo, a Salvação continua a ser vista de um modo automático e por decreto, centrada apenas na morte de Jesus. Ireneu apresenta uma Cristologia dinâmica, histórica, inserida no Projecto de Deus que cria o Homem em emergência histórica e livre. Uma Cristologia cujo mistério da Encarnação vem unido ao da vida de Jesus, Morte e Ressurreição, ao contrário das heresias gnósticas que separavam o Jesus que nasceu de Maria e o Filho Encarnado (*Adv. Haer.* III, 16,2). Mais tarde, a Igreja terá de se reunir em concílios para proclamar quer a verdadeira Humanidade de Cristo (Constantinopla I em 381), quer a sua plena e livre vontade humana (Constantinopla III em 681)²²

20JOSÉ I. GONZÁLEZ FAUS, *La Humanidad Nueva*, p.377

21Não deixa de ser interessante a crítica que González Faus faz à Cristologia de Ireneu, na qual o pecado surge como *separável*; citando a um comentarista (W. Hunger), diz «o pecado é um elemento ulterior ao seu sistema, quiçá porque Ireneu parece situar-se no ponto de vista do próprio Deus». JOSÉ I. GONZÁLEZ FAUS, *La Humanidad Nueva*, p.380

22Ibíd. p. 387-426

3. A Recapitulação

Partindo de Ef 1,10, Ireneu vê o acontecimento de Cristo como a Recapitulação de toda a realidade no Projecto de Deus: «Para conduzir os tempos à sua plenitude: submeter tudo a Cristo, reunindo nele o que há no céu e na terra» (Ef 1,10). Toda a História da Salvação de Deus com a Humanidade, desde a Criação passando pelo Antigo Testamento, alcança a sua realização em Cristo: nele se inaugura os tempos da Graça, o Reino de Deus na linguagem dos Evangelhos:

«Le Verbe de Dieu (Jo 1,1-3), le Fils Unique (Jo 1,18), qui était de tout temps présent à l'Humanité (Jo 1,10), s'est uni et mêlé selon le bon plaisir du Père à son propre ouvrage par lui modelé et s'est fait chair (Jo 1,14) : et c'est ce Verbe fait chair qui est Jésus-Christ notre Seigneur (...) qui est venu à travers toute l'économie et qui a tout récapitulé en lui-même (Ef 1,10). Dans ce tout est aussi compris l'homme, cet ouvrage modelé par Dieu : il a donc récapitulé aussi l'homme en lui» (*Adv. Haer.* III,16,6)

A obra da Recapitulação parte de Cristo como o Novo Adam, em quem a Humanidade entra num caminho diverso do iniciado pela desobediência de Adam: o caminho da obediência ao Projecto de Deus, selada em Jesus. Na dialéctica de Rom 5, o Dom da Graça que acontece em Cristo supera e assume as dinâmicas de pecado e morte que marcam a Humanidade desde Adam: «Se pela falta de um só todos morreram, com muito mais razão a graça de Deus, aquela graça oferecida por meio de um só homem, Jesus Cristo, foi a todos concedida em abundância» (Rom 5,15). «Entende a Encarnação enquanto que resume e cumpre toda a história anterior do Homem, a instituição de Cristo como Cabeça de todo o Universo, o facto de que Cristo e Maria, com a sua obediência, repararam a desobediência de Adam e de Eva».²³

Do mesmo modo, como dador do Espírito da Vida, Jesus Cristo torna-se o verdadeiro Homem que revela e dá sentido à criação de Adam: Adam é apenas o tipo ou princípio do verdadeiro Homem que se revelaria em Cristo, o Homem “à imagem e semelhança de Deus” a quem toda a Humanidade é unida. Ireneu elabora o seu discurso a partir de 1Cor 15:

«Assim está escrito: o primeiro homem, Adão, foi feito um ser vivente e o último Adão, um espírito que vivifica. Mas o primeiro não foi o espiritual, mas o terreno; o espiritual vem depois. O primeiro homem, tirado da terra, é terrestre; o segundo vem do céu. Tal como era o terrestre, assim são também os terrestres; tal como era o celeste, assim são também os celestes. E assim como trouxemos a imagem do homem da terra, assim levaremos também a imagem do homem celeste. Digo-vos, irmãos: o homem terreno não pode herdar o reino de Deus, nem a corrupção herdar a incorruptibilidade» (1Cor 15, 45-50)

Esta Recapitulação, que conduz o Homem na sua união a Cristo à Incorruptibilidade, isto é, à comunhão de Vida Plena e Eterna em Deus, assume o Homem na sua integridade; Ireneu rejeita os princípios gnósticos de que o Homem é salvo apenas na sua dimensão espiritual ou anímica: é na sua verdadeira natureza, terrena e carnal,

23B. STUDER, *Recapitulação*, in *Diccionario Patristico y de la Antiguedad Cristiana*, vol. II, p.1875

histórica, que o Homem é salvo, na medida em que na plena Encarnação do Filho o Espírito Santo habita e assume a Humanidade²⁴:

«Sera glorifié dans l'ouvrage par lui modelé, lorsqu'il l'aura rendu conforme et semblance à son Fils (cf. Rom 3,3). Car pas les mains du Père, c'est-à-dire le Fils et l'Esprit, c'est l'homme, et non une partie de l'homme, qui devient à l'image et à la ressemblance de Dieu (...) L'homme parfait, c'est le mélange et l'union de l'âme qui a reçu l'Esprit du Père et qui a été mélangée à la chair modelée selon l'image de Dieu» (*Adv. Haer.* V,6,1)

A Eucaristia é para Ireneu uma prova evidente da linguagem da comunhão entre a Carne, ou Humanidade Histórica, e o Espírito ou a Vida de Deus. Na Eucaristia (ainda sem as elaborações medievais à volta da transubstanciação e da presença real e física de Cristo), está presente sacramentalmente quer a vida humana oferecida no pão e no vinho, unida à vida humana de Jesus entregue, quer o Espírito que consagra os dons tornando-os Corpo e Sangue de Cristo, unindo a natureza humana à Páscoa de Cristo:

«Comment encore peuvent-ils dire que la chair s'en va à la corruption et n'a point part à la vie, alors qu'elle est nourrie du corps du Seigneur et de son sang? (...) Pour nous, notre façon de penser s'accorde avec l'eucharistie, et l'eucharistie en retour confirme notre façon de penser. Car nous lui offrons ce qui est sien, proclamant d'une façon harmonieuse la communion et l'union de la chair et de l'Esprit: car de même que le pain qui vient de l'atterre, après avoir reçu l'invocation de Dieu, n'est plus du pain ordinaire, mais eucharistie, constituée de deux choses, l'une terrestre et l'autre céleste, ainsi nos corps qui participent à l'eucharistie ne sont-ils plus corruptibles, puisqu'ils ont l'espérance de la Résurrection» (*Adv. Haer.* IV 18,5).

Unido a Cristo como o Novo Adam surge Maria que se torna a Nova Eva: dela nasce, segundo o Espírito Criador de Deus, o Homem Novo, verdadeiro, que recapitula toda a História (*Adv. Haer.* III, 22,4). Deste modo Maria, na melhor tradição patrística, é unida à missão do Messias e ocupa um lugar privilegiado na Economia da Salvação. «Ireneu vê em Maria a emergência deste co-princípio de recapitulação. A primeira Eva foi uma virgem desobediente por cuja culpa o ser humano caiu ferido e morreu. Maria, a Segunda Eva, foi uma virgem obediente à Palavra de Deus por causa da qual o ser humano foi gerado de novo para a vida e recebeu a vida».²⁵

A linguagem da Recapitulação é sem dúvida uma das maiores provas do génio de Ireneu, que nos é testemunhado pelos seus escritos. Seguindo o Novo Testamento, sobretudo a Paulo, Ireneu lê o acontecimento de Cristo à luz de todo um Projecto de Deus de Salvação para a Humanidade. É a melhor linguagem para assegurar o carácter dinâmico e global do mistério da Encarnação e Salvação, que se revela a partir da

24Como não recordar a passagem do concílio Vaticano II: «É a pessoa humana que importa e a sociedade humana que é necessário renovar. É, pois, o Homem, pessoa a salvar na sua unidade e na sua totalidade, com corpo e alma, coração e consciência, pensamento e vontade, que constituirá o eixo da toda a nossa explanação» (GS 3).

25JOSÉ G. PAREDES, *Mariologia*, ed. BAC, Madrid 1995, p. 206

Ressurreição de Jesus. «O uso do termo Recapitulação é um intento de Ireneu de incorporar a inteira proclamação bíblica sobre a obra de Cristo numa só palavra»²⁶.

4. Igreja e Tradição

Na sua luta contra as heresias que constituíam talvez o maior factor de divisão e ruptura na Igreja (talvez mais do que as perseguições e disputas com judeus e pagãos), Ireneu recorre, para além das Escrituras, à Tradição da própria Igreja. É nesta que se encontra a verdadeira doutrina ou conhecimento (Gnose), na medida em que foi transmitida pelo Verbo aos Apóstolos e estes a colocaram por escritos nos Evangelhos (*Adv. Haer.* III,4,1). Os bispos e presbíteros são os continuadores dos Apóstolos e os guardiães da doutrina apostólica (*Adv. Haer.* III,4,2). A resposta às diversas heresias que marcam a Igreja é assegurar a união dos crentes à hierarquia, nos seus bispos e presbíteros. Já Inácio de Antioquia havia apresentado este critério (*Smyr* 8,1-2).²⁷

Bento XVI, na sua catequese sobre Ireneu, reflecte sobre a questão da Tradição da Igreja. Rejeitando o conceito gnóstico de um conhecimento salvífico reservado apenas para uma elite, Ireneu defende que este conhecimento (Gnose) é a própria doutrina da Fé professada por todos os baptizados, e portanto todos são admitidos a esta Revelação transmitida na Igreja. Bento XVI aponta três características desta Tradição segundo Ireneu: é pública, não secreta nem para uma elite, transmitida pela Doutrina da Fé da Igreja; é única, parte da única Revelação e unifica a Igreja espalhada pelos povos; finalmente, é pneumática, vivificada pelo Espírito supera as meras tradições humanas renovando constantemente a vida da Igreja.

No contexto desta Unidade eclesial em torno à Tradição doutrinal surge a presidência da Igreja de Roma:

«L'Église très grande, très ancienne et connue de tous, que les deux très glorieux apôtres Pierre et Paul fondirent et établirent à Rome; en montrant que la Tradition qu'elle tient des apôtres et la foi qu'elle annonce aux hommes sont parvenues jusqu'à nous par de successions d'évêques (...) Car avec cette Église, en raison de son origine plus excellente, doit nécessairement s'accorder toute Église, c'est-à-dire les fidèles de partout – elle en qui toujours au bénéfice de ces gens de partout, a été conservée la Tradition qui vient des Apôtres» (*Adv. Haer.* III,3,2)

Esta surge já na sua “presidência na caridade” a partir do prestígio dos Apóstolos Pedro e Paulo que segundo a Tradição terão sido martirizados lá. No contexto de divisões e heresias, a Igreja de Roma torna-se um critério importante para discernir a Verdade e assegurar a Unidade, embora não encontremos ainda uma centralização que será característica da herança tridentina. «Discutiu-se se o ultimo parágrafo se refere à Igreja de Roma ou à Igreja Universal. Somos da opinião que o princípio de que a Igreja

26RAMÓN TREVIJANO, *Patrologia* p.79

27Aliás, já o mártir do início do séc. II havia contestado as heresias gnósticas judaizantes defendendo a unidade de Cristo e do Projecto de Deus nele realizado (Eph 18,2). Sem dúvida as suas cartas, aliadas à sua fama como bispo mártir terão influenciado Ireneu. RAMÓN TREVIJANO, *Patrologia* p.36

que pode justificar a manutenção da Tradição desde os Apóstolos deve contar com o acordo de todos os cristãos, se aplica aqui à Igreja de Roma, mas pode aplicar-se a todas as Igrejas Apostólicas (...) O que fica clara é a exigência para os cristãos de todas as partes de se unirem com a Igreja de Cristo sobre a base da Tradição Apostólica»²⁸.

Conclusão

É surpreendente como este Pastor, de quem sabemos tão pouco sobre a sua vida e actuação pastoral (apenas que terá intervindo por duas vezes junto de Roma a favor da concórdia entre as Igrejas), tenha marcado tanto a história da Igreja e da Teologia. Através dos seus escritos brota uma visão dinâmica e global de toda a História de Deus com a Humanidade, e na sua luta contra as heresias gnósticas Ireneu preocupa-se em apresentar de modo simples e orgânico a fé cristã, que a partir da sua base bíblica se apresenta como coerente para qualquer crente.

É indiscutível a opção pela apresentação histórico-salvífica da Fé e do Projecto de Deus que o Vaticano II tomou. A recuperação da centralidade das fontes bíblico-patristicas no processo de renovação da Igreja (PC 2) permite reencontrar o Espírito que, próximo da Tradição Apostólica e do Novo Testamento, criou o contexto mais fecundo ao nível teológico e missionário da história da Igreja. Com Ireneu somos convidados a celebrar e aprofundar o Projecto de Deus para a Humanidade revelado em Cristo, presente na História Humana para a assumir num horizonte de Salvação e Comunhão Familiar com Deus. De um modo apaixonado, temos a missão de testemunhar este Projecto para os homens de hoje, realizando assim a vocação da teologia e da missão.

Bibliografia

IRENEU DE LYON, *Adversus Haereses*, ed. crítica Adelin Rousseau e Louis Doutreleau, *Sources Chrétiennes*, ed. CERF Paris, vol. 264 (livro I), vol. 294 (livro II), vol. 211 (livro III), vol. 100 (livro IV), vol. 153 (livro V)

IBID., *Demonstración de la Predicación Apostólica*, introd. trad. e notas de Eugenio Romero Pose, ed. Ciudad Nueva, Madrid 1992

ALEXANDRE OLIVAR, *La Predicación Cristiana Antigua*, Herder Barcelona 1991

28RAMÓN TREVIJANO, *Patrologia* p.85

FRANCO PIERINI, *La Edad Antigua – Curso de Historia de la Iglesia I*, San Pablo Madrid 1996

HUBERTUS R. DROBNER, *Manual de Patrologia*, ed. Herder Barcelona 1999

HUBERT JEDIN, *Manual de Historia de la Iglesia*, vol. I, Herder Barcelona 1966

JOSÉ I. GONZÁLEZ FAUS, *La Humanidad Nueva – Ensayo de Cristología*, Sal Terrae 9ª edición Santander 2000

JOSÉ G. PAREDES, *Mariologia*, ed. BAC, Madrid 1995

MEDARD KEHL, *Et Dieu vit que cela était bon – Une théologie de la Création*, CERF Paris 2008

RAMÓN TREVIJANO, *Patrologia*, ed. BAC Madrid 1994

YVES CONGAR, *El Espíritu Santo*, ed. Herder Barcelona 1983

in *Diccionario Patristico y de la Antigüedad Cristiana*, dir. Angelo di Berardino, ed. Sígueme, Salamanca 1991:

A. ORBE, *Ireneu de Lyon*, vol. I, p. 1098-1104

B. STUDER, *Economia*, vol. I, p. 660

IBID., *Recapitulação*, vol. II, p. 1875